

DIÁSPORA, RESISTÊNCIA E PANDEMIA: AINDA HÁ MUITO A LUTAR

Mariane Gonçalves Bento¹

RESUMO

O presente trabalho busca esboçar a dinâmica de opressão e violência que ainda perdura na sociedade brasileira, sociedade essa ainda crivada de preconceitos. A relação com a pandemia que nos acometeu em cheio em 2020, e ainda segue por 2021, fora feita no sentido de evidenciar quão profundas são as amarras que nos prendem a situações de intolerância e falta de um olhar mais empático com o outro, principalmente em se tratando do povo negro. A crise sanitária evidenciou disparidades e discussões que se engendraram diante de um contexto político e cultural conservador que corroborou narrativas dicotômicas acentuando tensões. Por meio de uma revisão bibliográfica, buscou-se traçar uma análise autoral, de modo a promover reflexão sobre religião, cultura e violência no Brasil, evidenciando a necessidade de ser resistência em tempos tão sombrios e que muito relacionam-se com nosso passado histórico excludente e elitista.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência. Pandemia. Intolerância. Violência

DIASPORA, RESISTANCE AND PANDEMIC: THERE IS STILL MUCH TO FIGHT FOR

ABSTRACT

The present work seeks to outline the dynamics of oppression and violence that still persist in Brazilian society, a society that is still riddled with prejudice. The relationship with the pandemic that hit us in full in 2020 and still continues into 2021, was made in order to show how deep are the ties that bind us to situations of intolerance and lack of a more empathetic look towards the other, especially in terms of dealing with black people. The health crisis highlighted disparities and discussions that were engendered in the face of a conservative political and cultural context that would corroborate dichotomous narratives, accentuating tensions. Through a literature review, we sought to outline an authorial analysis, in order to promote reflection on religion, culture and violence in Brazil, highlighting the need to be resistance in such dark times and that are very much related to our excluding historical past and elitist.

KEYWORDS: Resistance. Pandemic. Intolerance. Violence.

¹ Graduada em História e especialista em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora de História da Rede Estadual de Minas Gerais. E-mail: marygoncalvesb@gmail.com

Diante da crise do sistema de saúde que enfrentamos por conta do Novo Coronavírus, responsável pela doença COVID-19, deparamo-nos com novas rotinas e medos diários. A vida tornou-se ainda mais difícil em várias áreas, sejam elas psíquicas, sociais, econômicas e culturais. O presente trabalho busca entrelaçar tal dinâmica ao pensamento que rodeia o imaginário brasileiro no que concerne a religiosidade afro-brasileira nestes tempos. Nesta busca, falar do traço decolonial é fundamental e nos conduz a uma linha de raciocínio importante para entender os meandros de nossa conjuntura política e cultural atual. Tal análise far-se-á mediante aporte bibliográfico existente e que ajudará a conduzir a reflexão aqui proposta.

Assim sendo, para nossa análise, é necessário trazer à tona nosso passado histórico atrelado ao tratamento que dado a cultura africana ao longo do tempo. Como sabemos, a diáspora negra tivera como motor o impulso mercantil que, ao desumanizar homens e mulheres pretas, tornou-os passíveis de dominação e violência. Esses dois elementos não se deram apenas no sentido físico, mas também simbólico, o que acaba por reverberar em nossa sociedade e no pensamento atual de forma vigorosa.

Cabe aqui conceituar diáspora enquanto termo que sofrera mudanças em seu significado e que para nós, no contexto da imigração negra para a América (principalmente), iremos tomar como um deslocamento forçado de povos africanos sob o interesse europeu, este margeado por um pensamento calcado na certeza de que tais povos não mereciam outro tratamento senão o que fora dado. Rodrigues (2012) busca evidenciar essa conceituação de diáspora e como esta comporia a identidade cultural dos povos africanos advindos da América. Diante de uma impossibilidade de homogeneidade por conta do contato com outros povos, a diáspora seria “um produto cultural, que conjuga as tradições a um processo de tradução e reinvenção dos valores.” (RODRIGUES, 2012, p. 11). Disso, as semelhanças e diferenças emergem e acabam por impor trocas culturais permitindo uma autenticidade renovada ou uma originalidade atualizada. (RODRIGUES, 2012). Nessa ótica, o entendimento de diáspora vem à tona não apenas como algo estático e relegado a um passado histórico trágico, mas também como força capaz de apoiar tradições subalternizadas.

Cavas e D’Ávila Neto (2020) perfilam muito bem os meandros de uma desigualdade que não é só racial, mas também de gênero no Brasil, mostrando o quanto a representação europeia tomada como “superior” contribuiu para as desigualdades que os dados atuais confirmam e que ainda perduram. Deste modo, os autores apontam que:

A justiça social é conceituada com dois parâmetros: a primeira sócio-econômica e a segunda cultural ou simbólica. As questões estão imbricadas tanto na estrutura sócio-econômica da sociedade, como nos sistemas sociais de representação. O remédio

para desigualdades econômicas seria a “redistribuição” com reestruturações de ordem política e econômica; já para as injustiças culturais a solução seria o “reconhecimento”, valorizando a especificidade de um grupo. (CAVAS; D’ÁVILA NETO, 2010, p. 06).

Nessa dinâmica os autores trazem à tona uma importante observação: a opressão ora legitimada pelas forças políticas, ora pelas forças econômicas, também ocorre na via cultural por meio da eleição do que vale ser enaltecido e o que vale ser colocado à margem. Em se tratando do Brasil, fruto de colonização portuguesa católica, o Cristianismo despontou como marca cultural hegemônica.

Desde a colonização, o crivo da religiosidade cristã esteve presente em nossa história. Aqui, assentaram-se homens e mulheres europeus que carregavam a bandeira de uma fé que seria a “verdadeira”. Com uma dinâmica de negação e invisibilidade das culturas e religiões africanas ao longo de toda nossa trajetória colonial, imperial e republicana, a mácula deixada é imensa e reverbera fortemente ainda hoje. Apesar dos esforços dos movimentos sociais esta dinâmica ainda se faz presente.

A luta é a de valorização da cultura negra que nos faz conectar com nossa ancestralidade e nos dá um pouco do que nos foi negado de nosso povo. Um povo que tem muito a dizer além das amarras dos grilhões da escravidão que lhe foi imposta. Esta busca, portanto, resvala em aspectos eurocêntricos ainda presentes em nosso meio social. E nesta perspectiva a cultura e a religiosidade afro-brasileira permanece relegada a um espaço de inferioridade e também de demonização. Munanga e Gomes (2016) traçam um panorama da produção cultural negra e enfatizam sua importância.

Compreender a tradição religiosa afro-brasileira, recontar a história do povo negro na África pré-colonial, pós colonial e, em nosso caso específico, durante e após o regime escravagista brasileiro, significa compreender um passado que para muitos de nós é desconhecido. Esse passado e o modo como foi construído interfere e interferirá em nossas crenças e nas formas de inserção e vivência do mundo atual, seja enquanto negros, brancos e indígenas brasileiros. (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 140)

Diante dessa lógica de imposição e violência, o negro tivera sua cultura e costumes subjugadas ao sistema eurocêntrico em nome de uma “civilidade” só alcançada por aqueles partícipes das diretrizes social, econômica e cultural da camada colonizadora.

A pandemia fez-nos repensar a presencialidade e ao mesmo tempo ressignificá-la. As celebrações religiosas foram proibidas presencialmente e a internet tornou-se ferramenta indispensável para a continuidade da vivência da fé. A busca por um alento em meio a tantas notícias ruins fez emergir movimentos que pediam a reabertura, mesmo em meio à crise de saúde, de grandes templos

cristãos (ênfatiso aqui alguns grupos neopentecostais) para sanar esse vácuo criado pela inexistência de um lugar de expressão da fé. Cabe em nossa reflexão pensar a dicotomia existente no clamor desses grupos que, atrelados a certo discurso político, deslegitimam as determinações sanitárias pelo bem da fé.

Este clamor, no entanto, perpassou instituições, em sua grande maioria cristãs, em detrimento de uma negativa de lideranças de religiões afro-brasileiras. Apesar da luta travada por integrantes religiosos cristãos para o enquadramento dos cultos como essenciais, em que medida esse enquadramento viera atender às demais religiões? E em quantos momentos da história o povo negro foi cerceado de sua cultura e religião por motivos muito menos nobres? Talvez possamos pensar que a lógica engendrada por agora, de cerceamento da exposição da fé em meio público seja um ultraje muito grande para ser aceito por aqueles que têm no Brasil, historicamente, centralidade de fala e representatividade. A negativa em relação aos encontros presenciais afetou em cheio a uma parcela de pessoas (a saber alguns grupos cristãos) acostumadas a vencer o “mal” do mundo pelos cultos acalorados e representativos de sua fé. Cabe pensar.

Nestes tempos, várias são as tragédias que vivemos como país: pessoas morrendo, adoecendo, desempregadas, sofrendo, desesperançadas. Mesmo diante disso tudo, somos sacudidos pelo mundo a todo momento para não esquecermos que ainda precisamos lutar. Pois, apesar de vivermos a tragédia junto ao país, do lado de cá ela acaba batendo mais forte.

O contexto de embates que estamos vivendo politicamente é intensificado pelo momento de crise de saúde que assistimos diante da pandemia. Pieper e Mendes (2020) retomam, à luz da conceituação de Achille Mbembe, um pouco do que seria a chamada necropolítica. Apontam, portanto, que

[...]um traço básico da necropolítica é esse laço de inimizade. Basicamente, a ideia é a criação fantasiosa de um inimigo que pelo próprio fato de existir ameaça o “nós” e, portanto, deve ser eliminado. Isso faz com que o ódio e o ressentimento criem vínculos entre as pessoas. E esse mesmo ódio contamina todo esse sistema (PIEPER; MENDES, 2020, p. 23).

A violência e a morte ganham contornos diferentes numa política que faz do outro um inimigo a ser combatido por não apresentar um ideário político-religioso similar ao do seu grupo. Mas não é só de narrativas políticas e religiosas que este inimigo é forjado. O povo preto sofre pelo fato de existir e incomoda por andar livre e angariar espaços, que para alguns, não deveriam ser lugar de fala e de vida preta. Os laços de inimizade nos atingem.

Não é muito difícil perceber a taxa de mortalidade alta entre negros na pandemia. Por isso mesmo que tratar de necropolítica é necessário tendo em vista que “nessa pandemia, sua face mais visível e concreta reside nos modos de matar e de controlar. O vírus joga em nossa cara o quão racista é nossa sociedade” (PIEPER; MENDES, 2020, p. 23). Nesse momento em que lutamos por espaço e respeito, algumas narrativas, sejam elas políticas, econômicas ou religiosas, acabam colaborando para uma atitude não amistosa com aqueles que não fazem parte da área discursiva de cobertura destes grupos.

A resistência permanece. Resistimos às narrativas que colaboram com a política de morte. Resistimos ao ímpeto beligerante que ainda hoje deseja subjugar nossos corpos e mentes negras. Resistimos porque é preciso resistir em um momento tão delicado como este em que vivemos.

Falar de resistência no Brasil pandêmico é falar das lutas diárias de nossos irmãos pretos que saem para trabalhar, muitas vezes em subempregos, para levar sustento às suas casas. Luta pelos que podem ser abordados a qualquer hora e lugar. Por aqueles que não podem acompanhar o filho na aula online. Por outros que não conseguem viver sua religião com tranquilidade sem ser hostilizado. Aquele que pega ônibus cheio na ida e na volta. Aquele que pega COVID-19 e morre.

Nessa sociedade, nossos corpos pretos ainda são vistos com estranheza. E não faz mal para muitos vê-los exaustos, porque dizem que a economia tem que andar. Para outros não faz mal vê-los sem trabalho, pois dizem que tiveram oportunidade e não a utilizaram. E ainda, não faz mal que não possam externar sua fé em público, já que a fé deste “outro” não é interessante.

A diáspora africana trouxera horror, medo e opressão para os povos africanos como consequência da satisfação pelos lucros angariados pelos que traficavam pessoas pretas em porões úmidos e fétidos de navios. Entretanto, nosso passado não é constituído apenas da marca da escravidão. O resgate de nossa história e cultura faz-se necessário e é uma luta constante. Constante também são as formas de boicotar nossa visibilidade e ação no mundo, fruto de uma sociedade que ainda carece de perceber que todas as vidas importam. Não recuamos, mesmo diante de tanto descaso. Ainda há muito a fazer e lugares para ocupar.

No início da pandemia existia uma fala de que sairíamos melhores. Penso eu que não. Ainda há muito a ser discutido e pensado no âmbito das relações sociais, políticas, econômicas e culturais no Brasil e que a crise que vivemos não conseguiu suplantar. Ao contrário, deparamo-nos com uma acentuação de diferenças e intolerância com o outro, fruto de uma sociedade que carrega em si heranças profundas de um passado que insiste em perdurar.

REFERÊNCIAS

CAVAS, Cláudio São Thiago, D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. Diáspora negra: desigualdades de gênero e raça no Brasil. Fazendo Gênero 9. **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010. Disponível em: <http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br> . Acesso em: 30 maio 2021.

MUNANGA, Kabengele, GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo. Religião e Necropolítica. In: PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (Orgs.). **Religião em tempos de crise**. São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2020. Disponível em: https://www2.ufjf.br/ppcir/wpcontent/uploads/sites/145/2020/09/Religiao_em_tempos_de_Crise-livro-final.pdf . Acesso em: 30 maio 2021.

RODRIGUES, Ricardo Santos. Entre o passado e o agora: Diáspora Negra e Identidade Cultural. **Revista EPOS**, Rio de Janeiro – RJ, vol. 3, n. 2, jul-dez 2012. ISSN 2178-700X. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v3n2/08> . Acesso em: 30 maio 2021.

Data de submissão: 16/08/2021

Data de aprovação: 27/09/2021